

Divulgação Científica em foco: um olhar sobre a produção acadêmica¹

Catarina Schneider²

Bárbara Duque³

Iluska Coutinho⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O presente artigo debruçou-se em pesquisar a produção acadêmica com enfoque na temática jornalismo científico e divulgação científica no âmbito da saúde, apresentada no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPjor) e na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) nos anos de 2009 a 2013. O objetivo foi levantar as principais questões abordadas e os resultados apontados pelos pesquisadores. No levantamento foram observados também os autores mais citados, ou seja, os nomes considerados mais relevantes para o debate a respeito de divulgação da ciência, o enfoque dado para a ciência a partir dos artigos e os principais questionamentos sobre o tema.

Palavras-chave

Divulgação Científica; Jornalismo Científico; Saúde; Intercom; SBPjor

INTRODUÇÃO

O saber do jornalismo é um saber para o público. Um de seus principais objetivos é entender o que o leitor quer e precisa conhecer, além de encontrar uma forma clara de construir a informação para que chegue até ele. O jornalismo científico tem esse objetivo muito mais exaltado, já que o seu discurso é produzido por uma comunidade revestida de conhecimento específico.

A partir da década de 1980, temas relacionados à ciência e à tecnologia passaram a ocupar um espaço relevante na imprensa brasileira, voltando-se para o homem comum. O interesse por parte de leigos no assunto provocou o surgimento de periódicos especializados em conhecimento científico para o público em geral.

No entanto, não foi só na mídia que esse tema tornou-se crescente. O jornalismo científico tem sido, cada vez mais, alvo de alguns debates acadêmicos. No âmbito das

¹ Trabalho apresentado ao GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada em Comunicação, habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Sergipe (2013). Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: schneidercatarina@gmail.com

³ Jornalista graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e especialista em Psicanálise: subjetividade e cultura pela UFJF. Email: barbara@secom.ufjf.br

⁴ Doutora em Comunicação, professora do curso de Jornalismo na UFJF. Email: iluskac@globo.com

pesquisas em Comunicação, a forma como esse tema é abordado tem interessado pesquisadores de todo Brasil.

A importância dos principais pilares da sociedade, como a política, economia e cultura coloca em um novo patamar a relação entre ciência e tecnologia. O progresso científico-tecnológico faz parte das questões que integram o domínio público, devido à aceitação, pela sociedade, do caráter benéfico da atividade científica e de suas aplicações. Diante disso, torna-se essencial o desejo de conhecer e de se aprofundar naquilo que a ciência faz e na apresentação dos seus resultados através da informação científica.

A importância dada à popularização da ciência ampliou-se, consideravelmente, devido a alguns fatores que se concretizaram na sociedade, como a necessidade do entendimento social dos impactos da ciência e tecnologia na vida cotidiana e a necessidade da ciência dar soluções aos problemas básicos da humanidade. Com isso houve um crescimento significativo da produção científica, e assim, a necessidade de traduzir o que estava sendo descoberto para a sociedade não-científica.

A ciência se ocupa de compreender como funciona a natureza, o Universo e seus habitantes, vivos ou não, através de um processo constante de métodos científicos. “Ela oferece à sociedade a possibilidade de viver livre do medo irracional do desconhecido, e, através dessa concepção, tenta desvendar o que não é possível que a sociedade descubra” (VILAS BOAS, 2005, p. 38)

Foi a partir dos resultados propostos pela ciência e tecnologia que a sociedade pode, assim, evoluir nos seus conhecimentos e na forma de se estruturar culturalmente. Descobertas na área de saúde e tecnologia, por exemplo, têm permitido a sociedade evoluir a partir do momento que leva para a humanidade novas descobertas. Contudo, essa evolução só é possível quando as informações geradas através das áreas científicas chegam à sociedade de forma acessível, para que esta possa compreender quais os benefícios que determinadas descobertas trarão e serão úteis.

Para que isso seja possível, a comunicação é essencial. Nessa Era em que vivemos, o conhecimento tornou-se essencial para a evolução da humanidade e os meios de comunicação de massa têm um grande papel nisso, pois eles são capazes de disseminar o que está acontecendo no mundo. Por isso, o jornalismo é, hoje, umas das grandes áreas da humanidade, entrando com um papel importante nesse caminho, pois é ele que passa de forma mais acessível os assuntos que a sociedade busca entender. O jornalismo, seja ele na

televisão, jornais, revistas ou internet, é a fonte principal para que a sociedade tenha acesso às conquistas científicas.

Diante disso, a mídia tem recebido maior atenção da literatura especializada. O jornalismo científico diz respeito a todas as ciências e tem uma relação estreita com outros tipos de ‘jornalismo’, como o político, econômico, por exemplo. Portanto, ele tem o objetivo de servir de consciência social, e uma das tarefas mais difíceis, é alcançar um equilíbrio entre o entusiasmo da ciência e evitar transmitir uma visão exagerada dela, sabendo que até na Ciência há erros, e isso permite que quem receba a informação crie o seu senso crítico.

De acordo com Sérgio Vilas Boas (2005), o papel da mídia é informar, ou seja, vender informação. Mas, para que a ciência seja divulgada, ela precisa despertar interesse, entreter e até defender pontos de vista. Fazer isso de forma equilibrada é essencial para que quem recebe a informação, não seja manipulado. Colocar em debate as consequências das descobertas científicas é uma das funções do jornalismo e da divulgação científica. Essa divulgação é feita, principalmente, através dos meios de comunicação de massa ou também através de artigos científicos, palestras, livros, sendo destinada tanto para o público leigo, como para a comunidade científica.

Este trabalho foi realizado com o intuito de reunir as informações mais relevantes sobre divulgação científica, visando impulsionar as investigações e questionamentos que permeiam a ciência e levá-los a um patamar mais elevado com novas propostas para o incremento da divulgação científica.

Na primeira parte será feito uma diferenciação entre jornalismo científico e a divulgação científica, embate muito abordado pelos autores, mostrando como a ciência é colocada e traduzida para o público em geral. Essa distinção é importante para que seja possível entender como a ciência se insere na sociedade a partir destes dois conceitos.

Na segunda parte será abordado como a saúde é colocada pela ciência, importância desse tema nas mídias, a saúde como valor-notícia, quais os principais questionamentos de saúde que os autores nos seus artigos e como eles cruzam a saúde com a ciência.

Na terceira parte, por fim, será feita a análise dos artigos que abordam o tema ciência, divulgação científica e saúde nos anos de 2009 a 2013 nos congressos Intercom e SBPjor. Será relatado os principais temas discutidos pelos autores relacionados à ciência, os teóricos que foram mais utilizados, como a saúde é colocada dentro da ciência e os diagnósticos apontados nos artigos selecionados. Com o intuito de reunir as informações

mais relevantes, o objetivo, portanto, é fazer um levantamento dos rumos dos debates a respeito da divulgação científica e as possíveis soluções para os desafios encontrados.

1. JORNALISMO CIENTÍFICO X DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Além de bastante semelhantes, os termos Jornalismo Científico e Divulgação Científica se cruzam: os dois têm o objetivo de tornar públicas informações sobre pesquisa científica e de popularizar a Ciência. Mas há uma linha tênue que distingue os significados.

É possível encontrar o Jornalismo Científico em áreas de todos os tipos, como saúde, política, economia, agricultura, já que ele se propõe a trazer de uma forma mais acessível, com linguagem mais simples, o que é descoberto, analisado e estudado nessas áreas.

Tudo aquilo que é científico e é divulgado na mídia, seja ela impressa, televisiva ou radiofônica, é considerado Jornalismo Científico, já que o objetivo é informar o público leigo sobre Ciência, trazer reflexões e discussões atualizadas sobre o assunto, além de informar a sua relação com a sociedade.

É possível afirmar que todo Jornalismo Científico é também uma Divulgação Científica, pois a Divulgação busca expandir o conhecimento, seja ele destinado ao público leigo ou voltado para a academia. Não é possível fazer essa afirmação inversamente, já que a Divulgação Científica é voltada também para o desenvolvimento acadêmico. Então ela pode ser transmitida em artigos, seminários, palestras e tudo que expande o conhecimento para quem já tem uma afinidade com ele. A linguagem aqui já é mais elaborada e não há tanto a preocupação de tornar o conhecimento acessível a leigos.

A Divulgação Científica não precisa ser feita por jornalistas, podendo ser realizada por acadêmicos, cientistas e estudiosos. Assim, a estrutura de um objeto de divulgação científica não é só jornalística. Com tudo isso, a Divulgação Científica é uma forma mais ampla de se transmitir informações sobre Ciência e Tecnologia.

Alguns autores da área, além de fazer a distinção entre Jornalismo Científico e Divulgação Científica, separam os termos “Difusão Científica” e “Disseminação Científica”. Segundo Bueno, ele parte de um conceito amplo de “difusão científica”, sendo “todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas”. Depois ele define a disseminação científica voltada para um público de especialistas. O conceito também é dividido entre intrapares, quando a circulação da informação é feita entre especialistas da mesma área, e extrapares, que diz respeito a

veiculação da ciência por especialistas que se situam fora da área de especialização do objeto. (BUENO citado por GRILLO, 2006).

É importante chamar atenção para o caso dos artigos publicados em jornais ou revistas. Esse seria titulado como Jornalismo Científico, por está sendo veiculado na mídia. Porém, como é uma matéria escrita, na maioria das vezes, por um especialista, ela passa a ser definida como Divulgação Científica, mesmo que o autor traga para mais próximo do leitor a linguagem utilizada para explicar o assunto.

2. SAÚDE NA CIÊNCIA

Valor-notícia no jornalismo é entendido como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia. Os valores-notícia podem ser avaliados pelos critérios de seleção, critérios contextuais de seleção e valores notícia de construção, que dizem respeito aos elementos do acontecimento dignos de serem incluídos no relato jornalístico (TRAQUINA, 2002). Dessa forma, “saúde” é um tema com noticiabilidade, já que é de interesse público e há sempre novos questionamentos a serem divulgados e debatidos.

É possível, então, relacionar o tema “saúde” como um acontecimento, pois segundo Vera França (2012, p.8), “acontecimentos são fatos que se destacam e merecem ser noticiados”, e a partir do agendamento da mídia, nota-se a importância do assunto. Assim, para que se tornem compreensíveis, é preciso que sejam esclarecidas suas implicações e incompletudes, que é quando entra o jornalismo como forma de esclarecer e analisar os fatos para passá-los ao público. O acontecimento é gerador de informações, que anuncia o novo para a sociedade, fazendo-a refletir sobre o que já foi dito e acrescentar novas informações. No tema “saúde” isso é bastante visto, pois a ciência descobre, diariamente, novidade dentro do tema, seja sobre alimentos, doenças, medicamentos ou bem-estar. Dessa forma, é função do jornalismo atualizar a sociedade acerca dessas questões, abordando-as de uma forma mais simplificada para que se torne acessível àqueles que recebem a informação.

Portanto, “saúde” enquanto tema traz sempre algo de novo e faz relembrar o passado, amarrando as informações atuais com aquelas que já foram ditas. Por isso a importância do tema como valor-notícia da mídia, pois além de interessar aos interlocutores, é algo que chama atenção pela importância que tem e também pelas

mudanças que promovem na sociedade, seja práticas ou ideais, a partir dos conhecimentos gerados pela ciência.

4. ANÁLISE DOS ARTIGOS SELECIONADOS

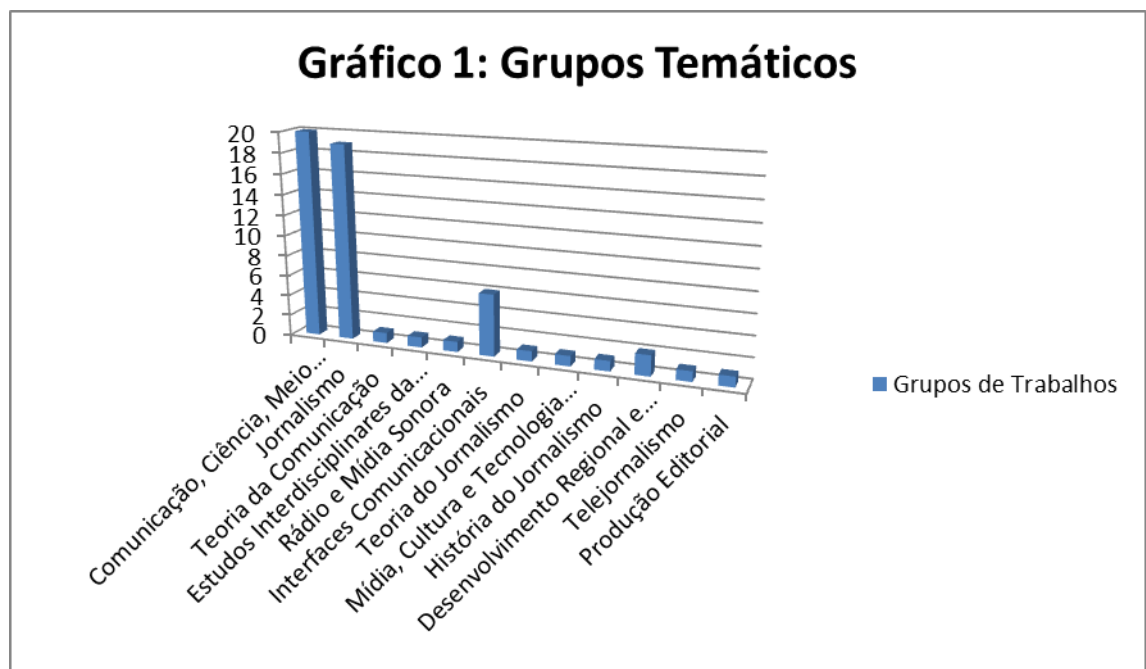
4.1 Análise Quantitativa

Esta análise conta com um corpo de 55 artigos no Intercom entre os anos de 2009 a 2013 que abordavam o tema jornalismo científico ou divulgação científica. No ano de 2009, foram publicados 15 artigos que tinham o tema relacionado ao assunto. Deste número, sete foram publicados no grupo de trabalho “Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade”, que insere pesquisas aplicadas sobre as práticas sociais da comunicação relacionadas a ciências, tecnologias e meio ambiente; dois foram publicados no GT de Jornalismo, um em Teoria da Comunicação, um em estudos interdisciplinares da Comunicação, um em Rádio e Mídia sonora, um em Interfaces Comunicacionais, um em Teoria do Jornalismo e um em Mídia, Cultura e Tecnologia Digitais da América Latina. Em 2010 somente seis artigos abordaram o tema científico e todos foram publicados no grupo de Jornalismo.

Em 2011 houve 18 trabalhos que abordavam o jornalismo/ divulgação científica. Dentro deste número, sete se encontram no grupo “Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade”, sete em “Jornalismo”, dois em “Interfaces Comunicacionais”, um em “História do Jornalismo” e um em “Desenvolvimento Regional e Local”. No ano de 2012, 10 trabalhos com esse tema foram aprovados: três em “Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade”, dois em “Jornalismo”, dois em “Interfaces Comunicacionais”, um em “Desenvolvimento Regional e Local”, um em “Telejornalismo” e um em “Produção Editorial”. Por fim, em 2013 foram seis aceites em que quatro trabalhos estão inseridos em “Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade”, dois em “Jornalismo” e um em “Interface Comunicacional”.

Diante desses dados, é possível notar que a maioria dos artigos com o tema científico está inserido no grupo de trabalho “Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade” e “Jornalismo”, o que nos levar a pensar que a ciência não é tão pensada dentro de outras plataformas como, por exemplo, televisivo, histórico, digital, entre outros. Mas, sim, que apesar de todos os artigos terem embasamentos teóricos, se utilizarem de objetos de estudos, eles não são encaixados em outras diretrizes de grupos de trabalho, talvez

porque o foco seja no jornalismo/ divulgação científica, e não no telejornalismo, por exemplo. Nos anais do congresso SBPJor, essa divisão entre grupos temáticos não é feita.



Legenda: Grupos temáticos *Intercom* dos anos 2009-2013

Dos 55 artigos publicados no Intercom (2009-2013) e dos 26 artigos publicados no SBPJor (2009-2013) com a temática científica, totalizando 81 artigos, foram escolhidos aqueles que se referiam à ‘ciência’, ‘ciência e saúde’ e aqueles que analisaram o discurso jornalístico. Foi selecionado também os artigos tinham como base de análise as revistas, principalmente. Deste universo, foram retirados para análise profunda 17 artigos científicos. Entre eles, quatro traziam a saúde para o debate científico, como nos artigos “Ciência em tempo de Controvérsia: enquadramentos das células-tronco no Brasil” (BROTAS, Antonio Marcos, Intercom, 2011), “Entre Ciência e Senso comum: os transtornos mentais e de comportamento e seus personagens na Folha de São Paulo” (GARCIA, Carla, Intercom, 2011), “O campo da Comunicação e Saúde: contornos, interfaces e tensões” (ARAÚJO, Inesita, Intercom, 2013) e “Estado X Religião: enquadramento reduzido de Veja do debate sobre a legalidade do uso das células-tronco embrionárias” (BROTAS, Antonio; BROTAS, Carmem, SBPJOR, 2008). Com relação ao discurso científico- jornalístico, foram encontrados três artigos que abordavam o tema. São eles: “Ciência E Jornalismo: o sentido do discurso jornalístico-científico em reportagem da revista Época” (CALADO, Liliane; SILVIA, Olga, Intercom, 2011), “As vozes no discurso jornalístico das matérias de saúde

de Veja e Time” (LUZ, Lia, SBPJor, 2009) e “Entropia e negentropia do discurso científico no Jornalismo” (SILVA, Dalmo, SBPJor, 2005).

4.2 Análise Qualitativa

Dos 17 artigos selecionados para análise, nove trouxeram os temas ‘ciência’, ‘jornalismo científico’, ‘divulgação científica’, ‘discurso científico-jornalístico’ e/ou ‘saúde’. Em todos eles, os autores abordaram o conceito de jornalismo científico e sua diferenciação com a divulgação científica referente ao conceito formulado pelo autor Wilson Bueno. Segundo ele, o jornalismo científico é a “transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados, a um público seletivo, formado por especialistas”. E o mesmo autor completa o conceito de que Jornalismo Científico é uma especialização e define como:

Um caso particular de divulgação científica que refere-se a processos, estratégias, técnicas e mecanismos para veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia. Desempenha funções econômicas, politicoideológicas e sócio-culturais importantes e viabiliza-se, na prática, através de um conjunto diversificado de gêneros jornalísticos. (BUENO, acessado em 2011)

Por outro lado, há artigos que tratam o jornalismo científico como uma mera tradução de outros campos de conhecimento, seja ele político, econômico, cultural. Porém, Guimarães (2001) afirma que a relação do homem com a linguagem desencadeia inúmeras transformações. No caso do jornalismo científico, o que os jornalistas fazem não é tradução do discurso científico, pois há uma relação de dois discursos na mesma língua (o científico e o jornalístico) e não uma relação entre duas línguas distintas.

Durante o processo da escrita sobre a ciência, há o “efeito de exterioridade”, ou seja, a Ciência sai do seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico dos sujeitos. Portanto, não se transportam sentidos de um discurso para outro. O jornalista científico não soma, nem faz a substituição das palavras, ele formula um novo discurso.

Nos artigos analisados, o debate sobre a postura do jornalista e do cientista também é muito debatida. Bueno apresenta uma visão mais crítica em relação à postura do próprio jornalista quando há assuntos que podem ser analisados com visão diferenciada em que “assumir esta postura crítica significa extrapolar o limite em que se insere o cidadão comum, impossibilitado de perceber nitidamente o que se passa à sua volta”. Fabíola de Oliveira insere-se na história e no funcionamento do jornalismo científico, enquanto, Wilson da

Costa Bueno aproxima-se na capacitação do jornalista interessado em uma análise crítica do que acontece ao seu redor.

Interessante observar que dos nove artigos selecionados, dois analisam as revistas *Superinteressante* e *Galileu*. Isto mostra que elas tornaram-se referência de divulgação científica no Brasil, mas, ao mesmo tempo, nos faz questionar e analisar qual a visão de ciência e tecnologia e a forma como elas são consumidas. No entanto, a análise dos artigos é embasada, principalmente, nos conteúdos editoriais e recursos audiovisuais, como imagens e gráficos, não sendo feita uma análise profunda da ciência nestas revistas, do discurso científico, das falhas e acertos dos periódicos.

Assim, com relação ao discurso jornalístico-científico, os artigos “As vozes no discurso jornalístico das matérias de saúde de *Veja* e *Time*” (LUZ, Lia, SBPJor, 2009) , “Ciência e Jornalismo: o sentido do discurso jornalístico-científico em reportagem da revista *Época*” (CALADO, Liliane; SILVIA, Olga, Intercom, 2011) e “Entropia e negentropia do discurso científico no Jornalismo” (SILVA, Dalmo, SBPJor, 2005) trazem o olhar discursivo para o tema. Dalmo Silva (2005) buscou entender como ocorrem as formações discursivas no jornalismo através da compreensão da narrativa científica textualizada na mídia impressa, abordando assuntos como o assujeitamento dos enunciadores do discurso científico, a relação de construção de sentido da ciência. As suas conclusões são esclarecedoras quando diz que o discurso científico viabilizado pelo jornalismo se constitui como dispositivo específico de determinada construção da realidade, numa disputa simbólica por espaço e lugar de fala/enunciação, que o papel da mídia (indústria cultural) na construção de realidades obedece inequivocamente uma vinculação com a ideologia majoritária, transformando a discursividade científica em discursividade econômica institucionalizada e que o jornalismo científico adota, assim, uma estratégia discursiva difusionista, carregada de intencionalidades interdiscursivas e claramente vinculada à busca de uma hegemonia da fala social.

Já Lia Luz (2009) buscou fazer um panorama das vozes que servem de base para a construção do discurso jornalístico dos textos de saúde das revistas *Times* e *Veja*, porém se baseia mais numa análise quantitativa, observando quem são as fontes, sua natureza e naturalidade. A mesma análise de conteúdo é feita no artigo de Liliane Calado e Olga Silva (2011), que as autoras buscam compreender a construção do sentido do texto e da imagem a partir do discurso jornalístico científico produzido pela revista e quais as estratégias persuasivas utilizadas pelo enunciator. Para isso, as autoras buscam a semiótica como

apoio, analisam as imagens como sistema de significação e das formas utilizadas no texto para passar veracidade ao leitor.

Nos artigos que traziam o tema ‘saúde’ para ser analisado cientificamente, como em “Ciência em tempo de controvérsia- enquadramento das células-tronco no Brasil” (BROTAS, Antonio Marcos, Intercom, 2011); “As vozes no discurso jornalístico das matérias de saúde de Veja e Time” (LUZ, Lia, SBPJor, 2009); “Do senso comum à ciência: a Esquizofrenia e seus personagens nas páginas da Folha de S.Paulo” (GARCIA, Carla, Intercom, 2011); “O Campo da Comunicação e Saúde: contornos, interfaces e tensões” (ARAÚJO, Inesita, Intercom, 2013) e “Estado X Religião: enquadramento reduzido de Veja do debate sobre a legalidade do uso das células-tronco embrionárias” (BROTAS, Antonio; BROTAS, Carmem, SBPJOR, 2008), três traziam temas específicos (célula-tronco e esquizofrenia), mas para serem analisados quantitativamente, não se aprofundando no discurso científico, em como os temas são colocados discursivamente nas revistas, apontar o que os torna científicos, discutir a definição do que é saúde, dificuldades dos temas e como é colocado para a sociedade.

Interessante notar que um deles traz a questão da religião para o debate, falando das imagens sociais do jornalismo científico, da disputa política da utilização de embriões nas pesquisas científicas, de como a revista mostra que a religião quer impor sua interpretação em relação à pesquisa e o desejo de controlar a sociedade. Colocar a religião em contraponto com a ciência é um debate rico e interessante, mostrando as visões de cada uma, onde elas convergem e em que ponto se distanciam. Isto traz para o estudo científico outras discussões e questionamentos, porém, não foi observado nenhum artigo que trouxesse esse embate dentro da ciência.

Com relação aos autores mais utilizados e, portanto, mais conceituados na área de jornalismo científico, foi Wilson Bueno, Fabíola de Oliveira e Wilson Burkett. Quando foi necessário autores para falar sobre discurso, Michel Foucault e Eni Orlandi foram os mais citados.

No artigo “A contribuição dos estudos CTS ao jornalismo de ciência e tecnologia”, apresentado no SBPJor de 2012, foi apresentada um modelo de cobertura do noticiário científico, propondo dar um tratamento diferenciado às notícias abordando, dentre outras questões, a contextualização e presença das incertezas associadas à pesquisa científico-tecnológica. Foi defendida a adoção de uma cobertura reflexivo-crítica do noticiário científico, em lugar do sensacionalismo e da notícia-acatamento.

A partir de falhas apontadas no jornalismo científico, foi mostrado um caminho à cobertura de ciência enfatizando as relações ciência, tecnologia e sociedade. Em decorrência do despreparo dos jornalistas - como o apelo ao sensacionalismo, a irregularidade e a ausência de contextualização, notou-se de forma crítica a espetacularização das "descobertas", a genialidade dos cientistas e a aplicabilidade da ciência, em detrimento dos aspectos ligados ao seu funcionamento real. Adotar a prática de uma cobertura jornalística pautada na reflexão crítica é uma opção em detrimento ao sensacionalismo à notícia-acatamento. Ficou claro que as lições do movimento CTS podem contribuir muito para a divulgação de uma imagem mais realista da ciência e de sua dimensão social, além de distinguir entre as especulações do potencial da tecnologia dos resultados já comprovados.

No trabalho apresentado na SBPjor de 2012, “Ciência sob a perspectiva da construção do conhecimento: novos horizontes para o jornalismo científico”, o autor focou a pesquisa em três autores ligados aos estudos sociais da ciência: Bruno Latour, Karin Knorr-Cetina e Pierre Bourdieu. Com base em suas teorias, propôs pensar o quanto social é a ciência e quais as relações sociais que os cientistas mantêm para produzir conhecimento.

A proposta apresentada foi o estreitamento da relação entre a ciência e a sociedade e outro modelo de comunicação científica, no qual o jornalista adotaria funções ultrapassando a informativa. Neste caso, a divulgação de fatos e informações sobre a ciência, tecnologia e inovação, seria oferecer ao cidadão não só as novas descobertas, mas também as suas implicações políticas, econômicas e culturais.

O estudo aponta que hoje a comunidade científica é um grupo social com relativa ausência de conflitos. Tendo prescrições morais que agem para conferir-lhe legitimidade, assegurando-lhe autonomia em relação aos outros subsistemas sociais. Para o autor, as relações que os cientistas estabelecem com os profissionais dos meios de comunicação, tem o objetivo de angariar adeptos e alcançar a visibilidade.

Foi ressaltada na oportunidade a importância da divulgação científica para mostrar o processo de incerteza inerente à própria ciência e não permanecer com o atual cenário onde a ciência é passível apenas de auto regulação. O autor mostrou ser fundamental perceber os jornalistas como agentes, distante do modelo positivista da objetividade, uma vez que estão inseridos no processo, no jogo que perpassa a atividade científica e que por ela é alimentado, segundo negociações, translações de interesse, para construção de fatos científicos, que possam ser bem representados publicamente.

“Conflitos na Relação Entre Jornalismo Científico e Ciência” é o título do artigo apresentado na 10ª edição do SBPjor em Curitiba. O estudo busca contribuir para as discussões que envolvem a tradicional e conturbada relação entre cientistas e jornalistas de ciências. A partir de um pequeno histórico da trajetória e da conceituação de divulgação científica o autor aponta o afastamento de muitos pesquisadores da sociedade. Sua proposta é que a atividade de socialização da ciência deve mais que traduzir assuntos, deve ser crítica e promover a contextualização permitindo reflexões, por exemplo, os fatores que levam o privilégio de determinadas produções científicas em detrimento de outras.

Mostra como a divulgação científica pode ser prejudicada em função das tensões entre jornalistas e cientistas, da internacionalização das coberturas, do sensacionalismo e do caráter apelativo, do despreparo dos jornalistas e das fontes únicas. Esses fatores podem ser os maiores obstáculos ao desenvolvimento do jornalismo científico na grande imprensa. A contribuição do jornalismo científico à sociedade poderia ser maior se fossem reduzidas as dependências mercadológicas e políticas, o que libertaria do sensacionalismo e de perspectivas apelativas que danificam a credibilidade e a autonomia dos profissionais.

Na sétima edição da SBPjor foi apresentado o trabalho “O jornalista como mediador na cultura científica” que buscou relacionar o jornalismo e a divulgação científica. Mostrar o jornalista como mediador do debate público da ciência e que o jornalismo, ao fazer a cobertura da ciência e da tecnologia, pode oferecer algumas contribuições para que a percepção pública observe a ciência também como prática social, de modo a edificar uma cultura científica que conduza a participação no debate público sobre ciência e tecnologia.

O tema circundou a divulgação como meio de socialização e democratização da ciência com questões do tipo: como fazer a divulgação, qual o propósito da divulgação, que posição a divulgação da ciência deve ter em relação à ciência e a comunicação. Trouxe à luz uma questão sobre o que seria mais importante, a sociedade conhecer os fatos ou o modo de fazer a ciência? Qual a melhor forma de falar de ciência com a população? Apontou a cultura científica como fruto da interação entre pesquisadores, divulgadores, instituições do campo da ciência e da comunicação, entre outros. Cultura científica associada à “promoção” da ciência junto a públicos alargados.

Como resultado do trabalho mostrou que o jornalismo científico deve orientar-se na direção da contribuição ao debate público da ciência, levando em consideração sua complexidade, seus atores, disputas, verdades, controvérsias e interesses envolvidos na construção dos fatos científicos.

O artigo “Jornalismo Científico ou Promoção Institucional? Análise da função educativa na divulgação científica do IFMA”, apresentado no Intercom - Manaus (2013), discutiu o papel educativo do jornalismo científico e analisou se o desempenho da assessoria de comunicação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) atinge propósitos educativos consistentes, de modo a atender as necessidades de formação de cultura científica.

Ressaltou que com o aparato das assessorias de comunicação das universidades do Brasil, elas deveriam assumir a dianteira na divulgação científica, mas ainda usam suas estruturas, prioritariamente, como ferramenta estratégica para dar visibilidade a aspectos institucionais ou de promoção de gestores. Disse como o momento é oportuno para que a divulgação científica, especialmente na forma de jornalismo científico, seja percebida como instrumento de educação para a ciência, como estratégia de apropriação social do conhecimento, ou seja, como ação de cidadania.

Acredita que a qualidade da informação passa, principalmente, pela contextualização, visão histórica, controvérsias, abordagem, discussão sobre riscos e benefícios e interesses envolvidos. Fez uma descrição e a análise de matérias publicadas pela assessoria por meio do método do Discurso Textualmente Orientada (ADTO), buscando evidenciar componentes, estruturas ou potencialidades educativas nas peças de jornalismo científico do IFMA.

Concluiu que a parte da comunicação que faz divulgação científica é feita no sentido de prestação de contas à sociedade. O foco da comunicação são os estudantes e servidores, sendo as estratégias de promoção institucional preponderantes à divulgação científica. A instituição adota um modelo de comunicação unilateral, em que o público cumpre papel meramente de receptor. A divulgação científica além de pouco espaço no site do instituto, é feita sem planejamento, tendo o material jornalístico propósitos educativos pouco consistentes.

CONCLUSÃO

A partir das análises feitas, relatamos que a maioria dos estudos produzidos sobre divulgação científica reflete sobre as inabilidades tanto dos cientistas quanto dos jornalistas, que resultam em falhas comunicacionais. A avaliação das produções aponta para uma comunicação pouco eficiente, focada nos resultados, na espetacularização e largamente vinculada ao mercado.

As propostas apresentadas não foram consistentes o bastante para que novos caminhos mais eficazes fossem vislumbrados. O esperado é que, ao reunir todos esses trabalhos, seja possível subsidiar produções com propostas mais consistentes que oriente os profissionais da comunicação a desenvolver projetos que possibilitem, de fato, uma comunicação científica de maior qualidade e eficiência.

Foi constatado também que hoje temos espaços restritos para o debate sobre o tema, além de poucos cursos de formação para jornalistas se especializarem em ciência. Outro avanço emergencial é um diálogo mais aberto entre cientistas e comunicadores, tema amplamente debatido nos artigos científicos, mas com poucas propostas práticas para como solucionar esse entrave.

Por fim, podemos perceber que há grande interesse em estudos sobre divulgação científica e que é preciso agora, reunidos os sintomas, propor e aplicar soluções. Estreitando o contato da academia com o mercado, é possível vislumbrar o desenvolvimento de iniciativas para tornar o conhecimento científico acessível e compreensível à população.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Inesita. O Campo da Comunicação e Saúde: contornos, interfaces e tensões. XXXVI Intercom. Manaus: 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0550-1.pdf> Acesso em 14/06/2014

ARAÚJO, Márcia. Jornalismo e ciência: a utopia do diálogo. I Encontro regional de pesquisadores em jornalismo. Brasília: 2003. Disponível em: sbpjour.kamotini.inghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/t039.doc acesso em 27/06/2014

BOAS, Sergio Vilas. O estilo magazine: o texto em revista. 4.ed. São Paulo: Summus, 1996. 129 p
BROTAS, Antônio. Ciência sob a perspectiva da construção do conhecimento: novos horizontes para o jornalismo científico. In VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Luis: 2010. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.inghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/cl_15.pdf acesso em 01/07/2014

BROTAS, Antonio Marcos Pereira. O jornalista como mediador na cultura científica. VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: 2009. Disponível em: http://www.academia.edu/3629663/O_jornalista_como_mediador_na_cultura_cientifica_Antonio_Marcos_Pereira_Brotas acesso em 29/06/2014

BROTAS, Antonio; BORTOLIERO, Simone. Ciência em Tempo de Controvérsia: enquadramentos das células-tronco no Brasil. XXXIV Intercom. Recife: 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1769-1.pdf>. Acesso em: 14/06/2014

BROTAS, Antônio; BROTAS, Carmen. Estado X Religião: enquadramento reduzido de Veja do debate sobre a legalidade do uso das células-tronco embrionárias. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em jornalismo. São Paulo: 2008. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.inghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/individual_12_antoniomarcosbrotas.pdf

CALADO, Liliane; Olga, Tavares. Ciência e jornalismo: o sentido do discurso jornalístico-científico em reportagem da revista Época. 14º Intercom. Recife: 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1220-1.pdf>. Acesso em 14/06/2014

CARVALHO, Alessandra. O que deixou de ser Superinteressante na divulgação de ciência em revista. XXXV Intercom. Fortaleza: 2012. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1823-1.pdf> Acesso em 14/06/2014

COELHO, Irina. Jornalismo e Ciência: Um estudo sobre o jornalismo científico e a divulgação científica. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba: 2012. Disponível em:
<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/1877/146>
acesso em 30/06/2014

FRANÇA, Vera. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera, Luciana(Orgs). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

GARCIA, Carla. Do senso comum à ciência: a Esquizofrenia e seus personagens nas páginas da Folha de S.Paulo. XXXIV Intercom. Recife: 2011. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0228-1.pdf>. Acesso em 14/06/2014

GOMES, Romulo Fernando Lemos, SILVA, Silvano Alves Bezerra. Jornalismo Científico ou Promoção Institucional? Análise da função educativa na divulgação científica do IFMA. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: 2013. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1734-1.pdf> acesso em 26/06/2014

GOULART, Gabriela; BERTOL, Sonia. O Jornalismo científico nas matérias das revistas Galileu e Superinteressante. XXXV Intercom. Fortaleza: 2012. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0209-1.pdf> acesso em 12/06/2014 acesso em 14/06/2012

GRILLO, Sheila. Divulgação Científica na esfera midiática. 2006. Revista intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP. Disponível em: <http://www.oucsb.br/pos/lael/intercambio/pdf/grillo.pdf>
Acessado em 14 de junho de 2014

LUZ, Lia. As vozes no discurso jornalístico das matérias de saúde de Veja e Time. 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo:2009.
http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/lia_luz.pdf. Acesso em 14/06/2014

MANSO, Bruno Lara de Castro. Conflitos na Relação Entre Jornalismo Científico e Ciência. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba: 2011. Disponível em:
<http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/2103/199> acesso em 29/06/2014

MEDEIROS, Arilene Lucena. **A contribuição dos estudos CTS ao jornalismo de ciência e tecnologia.** In: II Encontro Nacional de pesquisadores em jornalismo. 2004, Salvador:. Disponível em
http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ii_sbpjour_2004_ci_06_arilene_lucena_medeiros.pdf acesso em 03/07/2014

SÉRIO, Ana Luiza de Azevedo Pires, KAWAMURA, Maria Regina Dubeux. As temáticas da ciência abordadas na revista Scientific American Brasil. VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: 2008. Disponível em:
http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/individual_07_analuizaserio.pdf acesso em 30/06/2014

SILVA, Dalmo. Entropia e negentropia do discurso científico no Jornalismo. III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Santa Catarina: 2005. Disponível em:
http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/iiisbpjour2005_-_ci_-_dalmo_oliveira_da_silva.pdf. Acesso em 14/06/2014